



# ALBERT CAMUS: DA ANGÚSTIA AO SUICÍDIO FILOSÓFICO

**Rafael de Castro Lins**

Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

*E-mail:* rafaelcastro.teologia@gmail.com

## RESUMO

---

Este artigo foca na filosofia de Albert Camus, apresentando uma breve introdução sobre ela e ressaltando alguns traços do pensamento camusiano situados na modernidade, porém encontradiços para além dela. Nele, se encontrará uma contribuição para esclarecer o conceito camusiano de Absurdo e a procura de Camus por seu conceito em autores que o antecedem, como Kierkegaard e Heidegger. A partir desse contato, tocado precisamente por Camus em *O mito de Sísifo*, foi possível alçar a “angústia heideggeriana” como lugar de vista, de reconhecimento, do mundo absurdo camusiano. Uma vez posto frente ao Absurdo da existência, Camus pretende não negá-lo, e, dessa maneira, recusa a fuga que ele chama de “suicídio filosófico”. Entre os suicidas filosóficos, Kierkegaard exerce certo fascínio sobre Camus, e sobre as palavras a ele aludidas em *O mito de Sísifo* ensejou-se tecer similaridades entre o capelão sem nome, do romance *O estrangeiro*, e o “salto” kierkegaardiano capaz de enxergar na obscuridade da vida o rosto divino.

## PALAVRAS-CHAVE

---

Albert Camus. Absurdo. Angústia. Suicídio filosófico. *Mito de Sísifo*.

*Mas uma “doença mortal” no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que após subsista qualquer coisa. E é isto o desespero.* (KIERKEGAARD, 1979, p. 199)

---

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo passa pela filosofia camusiana sem, porém, esgotá-la. Ele repousa por um pouco na atualidade do pensamento de Albert Camus, com vista à fragmentação dos absolutos legada pela modernidade. Também percorre, brevemente, algumas obras referenciais de Camus na tentativa de encontrar relações entre seus romances e sua filosofia. Essa primeira e resumida passagem visa tão somente dispor ao leitor, iniciante na obra de Camus, um panorama geral do seu pensamento, seu lugar histórico e sua importância para a pós-modernidade.

Em um segundo momento, já um pouco mais profundo, o desejo é elucidar o conceito camusiano de Absurdo – tendo como base seu ensaio sobre o tema, o mito de Sísifo. Com sua filosofia um tanto mais às claras, foi possível aproximá-la à noção de angústia presente no vasto universo heideggeriano – um ponto de contato que o próprio Camus traz à luz em seu *O mito de Sísifo*. Seguindo a intuição dessa obra primordial do nosso autor, da angústia chega-se ao suicídio filosófico. E, nesse caminho, Camus perpassa, a título de exemplo, por diversos autores da filosofia existencial, no ensejo de reconhecer neles o seu conceito de Absurdo, e também de entender o modo como estes pensadores “escaparam” furtivamente ante as esmagadoras consequências do pensamento absurdo. Ainda sob as medidas de *O mito de Sísifo*, este artigo destaca o suicídio filosófico de Kierkegaard e, por fim, ousa aproximá-lo didaticamente a trechos do romance mais popular de Albert Camus, *O estrangeiro*.

---

## 2. ALBERT CAMUS

---

### 2.1 CAMUS: ENTRE O ONTEM E O HOJE

Após as grandes guerras do século XX e a queda emblemática do socialismo russo, é possível ressaltar os contornos gerais de uma pós-modernidade desconfiada em relação aos idea-

lismos e às instituições religiosas. Neste ponto, os dias atuais se encontram em acordo com a posição fundamental do existencialismo, a saber, seu anti-idealismo. Albert Camus viveu a história das guerras de seu século, tomou nota dos campos de concentração nazistas e já não compartilhava da ingenuidade triunfalista da modernidade. Todavia, Camus representa, e traz em suas obras, o lastro do pensamento existencialista e uma nervura moral cristã. Ele absorveu o melhor e o pior da modernidade, e isso o faz um autor próximo da atualidade, sabedor dos dilemas que se estendem até hoje. Camus escreve para homens carentes de ilusões metafísicas – no céu de Camus não há Deus – e sua terra está devastada pelas guerras. O socialismo pretendeu idealmente, mas não cumpriu suas pretensões igualitárias e o capitalismo ascendeu, alastrando outras formas de desumanidade. Sobre essa realidade geral, cujos influxos e semelhanças permanecem tamanhos na atualidade, Camus escreve seu legado filosófico.

A pós-modernidade é marcada pela fragmentação dos absolutos, e sobre ela paira a sombra do pessimismo que a modernidade legou. Os niilismos nascentes da “Morte de Deus” também se insurgiram sobre todo e qualquer princípio doador de equilíbrio, ordem ou vitalidade – até mesmo a razão tão exaltada pela modernidade conheceu sua crise. Outros autores desse período, como Nietzsche e Dostoiévski, foram sintomáticos ao ressaltar a voracidade do niilismo crescente.

O louco da parábola de Nietzsche denuncia, de certo modo, uma inconseqüência daqueles que não sabem o quão perigosa é a “Morte de Deus”. O louco então gritou:

Não estaremos vagando através de um infinito nada? Não sentiremos na face o sopro do vazio? O imenso frio? Não virá sempre noite após noite? Não acenderemos lâmpadas em pleno dia? (NIETZSCHE, 1978a, p. 125).

Camus é sintomático e enumera em seu escrito centralizador, *O homem revoltado*, algumas conseqüências danosas desse niilismo. Em outras palavras, Nietzsche por meio de seu louco indaga: saberemos viver, uma vez que Deus morreu? Camus, por sua vez, responde à essa pergunta, imerso no século das grandes guerras e destituído de ilusões otimistas, e propõe

um viver, sobretudo, moral para um mundo sem Deus. Nesse sentido, não é exagero dizer que Camus aventura-se numa resposta existencial para as questões do “louco” nietzschiano.

É possível que a necessidade ontológica de resgate de valores essencialmente constituintes da moral cristã, presente na obra camusiana, assemelhe-se à transvaloração de valores nietzschianos, dado que as novas configurações desses valores foram destituídas de seu conteúdo metafísico. Ademais, acentuar uma filosofia moderna de cristianismo medular, substancialmente moral, entranhada nas reflexões de um filósofo ateu, pode elucidar o tonos da tradição cristã que não respeita fronteiras, nem as do ateísmo, assim como o seu potencial de sobrevivência por vias de uma metamorfose, cujo caminho perfaz desde desligar-se das instituições desacreditadas até assumir um caráter existencialista adequado a modernidade.

Os sobreviventes da morte de Deus se veem, cada dia mais, sem religião. Os sobreviventes da derribada do socialismo russo se encontram, cada dia mais, sem ideologias. Os sobreviventes da queda da razão moderna se veem, cada dia mais, vazios de absolutos. Portanto, a proposta de vida moral camusiana que lança fora os apoios da fé, das ideologias insurgentes, ou de qualquer outro pretense deus moderno se faz relevante para os dias atuais – dias de pós-Deus, pós-guerra, pós-socialismo, pós-racionalismo, enfim, pós-modernidade.

---

## 2.2 FILOSOFIA EM CARTAZ

*O mito de Sísifo* e *O estrangeiro*, publicados em 1942, são os primeiros fundamentos sobre os quais recaem as obras filosóficas e literárias de Albert Camus. Eles são o ponto de partida de um vasto desenvolvimento conceitual e literário, que é marca em seu pensamento da juventude à maturidade. Em *O mito de Sísifo*, Camus (2013a, p. 5) ensaia sobre o Absurdo da existência, uma obra próxima ao existencialismo, cuja passagem por ela se faz imprescindível se se deseja reconhecer a presença do seu conceito de Absurdo também em seus romances. Camus faz filosofia a seu método, ou seja, encarna as questões latentes da filosofia no mundo quase infindo da literatura romanesca. O

*estrangeiro*, por exemplo, carrega em si as mais diversas faces do Absurdo, dá vida ao conceito e o torna particularmente incontestável ao representá-lo naquilo que há de mais próximo à realidade, a saber, a literatura. Ele diz referindo-se ao seu romance: “Num universo repentinamente privado de ilusões ou de luzes [...] o homem se sente um estrangeiro” (CAMUS, 2013a, p. 21). Afinal, Camus empreendeu, nos limites do seu tempo, muitos meios para trazer à vida sua filosofia da existência, não admira, pois, sua profunda imersão no mundo do teatro. Autor de diversas peças teatrais, Camus foi um filósofo cujo pensamento esteve (e hoje continua) em cartaz por meio do teatro, ensaios filosóficos, contos ou romances.

Nas primeiras páginas de *O mito de Sísifo*, Camus (2013a, p. 19) formula seu primeiro problema nevrálgico, que intuirá a outros. Diante do Absurdo da vida, ele assevera: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”. O suicídio é uma questão nascente da vida, e Camus ensaia sobre o Absurdo na tentativa de respondê-la. Em um segundo momento, o de maturidade do autor, outro grande ensaio estabelece continuidade ao *Mito de Sísifo*; em *O homem revoltado*, Camus salta do direito de matar-se ao direito de matar outrem ou, de outra maneira, discorre acerca do assassinato. Para tanto, o filósofo percorre exemplos toantes da história, os quais o assassinato fora desumanamente, a seu ver, justificado. Seu romance *A peste* talvez seja a obra que melhor intui a fusão do Absurdo com a Revolta, grandes conceitos camusianos, uma vez que narra a história e a desventura de uma cidade assolada pela peste, uma alegoria estarrecedora do Absurdo histórico que sobrevém indiscriminadamente sobre toda cidade sitiada.

## 2.3 O ABSURDO

---

A Segunda Guerra Mundial é a insalubre moldura social em torno da publicação de *O mito de Sísifo*. Entre uma terra devastada pela guerra e um céu vazio de deuses, Camus (1995, p. 18) elabora seu ensaio sobre o componente absurdo da vida, ele diz: “Fui posto a meio caminho entre a miséria e o sol”.

Para Camus, pelas mais diversas rotas da existência pode-se chegar à constatação do Absurdo, ele atenta-se aos seus sinais. O primeiro deles é o estado de alma vazia, ou cheia pelo “nada”, “em que o coração procura em vão o elo que lhe falta” (CAMUS, 2013a, p. 27). Os gestos cotidianos se dissolvem no que Camus chama de movimentos da consciência, a partir daí as forças pouco a pouco se esvaem e o mundo perde qualquer atrativo que gaste interesse. Em palavras mais abstratas, poder-se-ia dizer que o Absurdo é uma forma peculiar de daltonismo do ser, que torna a vida apagada, sem cores, ou a tingem com um cinza indiferente. Quando a paz de uma vida maquinal do cotidiano é perturbada por perguntas, carregadas de “porquês”, o indivíduo enfim desperta, talvez sem alentos e tomado por uma angústia – estado essencial para o pensamento heideggeriano –, e assim as origens do sentimento absurdo se aclaram paulatinamente para o seu reconhecimento.

Camus não tem pretensões em definir o Absurdo, sabe que não pode esgotá-lo facilmente, todavia empenha-se em enumerar sentimentos de absurdo. E, nesse caminho, ele chega ao tempo fugidivo que ao homem foi dado. A tomada de consciência de que o “tempo foge” revela o verdadeiro significado do “amanhã”. O amanhã traz, além de uma bagagem de futuros supérfluos, a certeza da morte. Uma vez reconhecido, esse destino gesta no homem um sentimento de revolta que rejeita o amanhã e, do ponto de vista de Camus (2013a, p. 28), isso também é o Absurdo.

O Absurdo não é criação do homem ou do mundo, ele é o rebento nascente do encontro entre ambos. Camus, seguindo um lastro existencialista que o antecede, perfila um homem “lançado no mundo”, e desse choque, ou queda, nasce o Absurdo. Em outras palavras, um ser de desejos, faminto por compreensão, tem como morada um mundo hostil, opaco, e indiferente às suas vontades. Nesse pensamento camusiano, poderíamos dizer que o mundo não é um anfitrião hospitaleiro. O homem mora em um lugar que não lhe proporciona o sentimento de pertença, de familiaridade e de compreensão.

O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. É, no momento, o único laço entre os dois. Cola-os um ao outro como só o ódio pode fundir os seres. É tudo o que posso discernir nesse universo sem limites (CAMUS, 2013a, p. 34).

É com essa densidade que Camus descreve um mundo que lhe é, sobretudo, estranho. Essa estranheza de um mundo que nunca se revela por inteiro, e o que dele se conhece são as medidas criadas pelos próprios homens. Nos termos abaixo, Camus (2013a, p. 28) toca no desencanto que acompanha o Absurdo:

No fundo de toda beleza jaz algo de desumano, e essas colinas, a doçura do céu, esses desenhos de árvores, eis que no mesmo instante perdem o sentido ilusório com que os revestimos, agora mais longínquos que um paraíso perdido.

O mundo é desumano e o homem tenta humanizá-lo para melhor compreendê-lo. No entanto, em certo dia, o mundo torna-se o que realmente é aos olhos do sujeito absurdo, perde-se assim o encanto que o preenchia com sentido e familiaridade, o encanto que fazia possível cultivar esperanças e paz, o encanto que fazia desse “outro” estranho, indiferente, hostil e misterioso, um anfitrião bem chegado. Não menos estranho é o próprio homem, ou, ainda, o homem perante o outro tão incompreensível quanto ele mesmo, Camus (2013a, p. 29) lembra que o ser estranho, desumano e limitado visto no espelho também é o Absurdo. O apetite de clareza, em Camus, é uma fome sem correspondente capaz de saciá-la. De forma similar, ele se lembra de que o “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates é uma busca válida, no entanto vã. Em sugestivas palavras, o filósofo ensaia o drama humano:

Estranho a mim mesmo e a este mundo, armado somente com um pensamento que se nega quando afirma, que condição é essa que só posso ter paz deixando de saber e de viver, em que o apetite de conquista se choca contra os muros que desafiam seus assaltos? Querer é suscitar paradoxos. Tudo está arrumado para que nasça uma paz envenenada que a displicência, o sono do coração ou as renúncias mortais proporcionam (CAMUS, 2013a, p. 33).

Talvez esteja sobre o termo “sono do coração” o estado de dormência do homem que ainda não despertou para o Absurdo, esse ser ainda se encontra preso a suas distrações cotidianas que lhe proporcionam essa “paz envenenada”. Do choque entre os querereres do homem com as irracionalidades de um mundo surdo para as vozes do desejo e mudo para dar respostas, irrompe a angústia. Ele pede por unidade, implora por saber – e a limitada ciência não lhe basta –, reclama de volta todas as possibilidades que a morte lhe tirou, e a apatia do mundo só conhece uma resposta: o silêncio. Camus (2013a, p. 34) aclara o seu conceito: “Porém o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem”.

São nos rompimentos com o hábito que a consciência se abre para o estado absurdo. Os gestos, outrora carregados de razão, ordenados pela existência são, subitamente, assaltados pela sensação de inutilidade. Nesse momento, o homem reconhece os espaços vazios, ou melhor, as ausências que o faz flutuar sobre o nada, ou, nas palavras de Heidegger, o: “estar-suspenso-no-nada”. Reconhece a ausência de Deus nos céus, a ausência de uma razão suficiente que explique o mundo, a ausência de um sentido profundo que faça o sofrimento dessa vida valer a pena. O sujeito absurdo se reconhece abandonado pelo Deus que não existe, frágil diante do acaso que controla o mundo, controlado por impulsos irracionais e sem princípios eternos que lhe ofereçam uma mínima segurança. Tanta ausência de sentido preenche esse abismo intransponível entre o homem e o seu mundo. O que se sabe é que não se pode entender nada em completude.

A morte está intimamente ligada ao sentimento de absurdo, é o sinal por excelência das suas origens. O destino que faz do homem um “ser-para-morte” é a fonte perene do Absurdo. Os hábitos podem preservar o homem em um estado de torpor e esquecimento. Porém, o sentimento de absurdo retorna à consciência a cada encontro repentino com a morte, cujo efeito certo é rememorar a efemeridade da vida. Perante a morte todo feitiço se desfaz, e o mundo apresenta-se como ele realmente é, a saber, precário, frágil e irracional. É como se alguém finalmente pudesse olhar além do véu e contemplar o caos que se encontra do outro lado. Finda-se o

sonho. A morte assume seu lugar determinante na vida ou, nas palavras de Berger (2011, p. 64): “Toda sociedade humana, em última instância, consiste em homens unidos perante a morte”.

### 3. ANGÚSTIA – A JANELA PARA O MUNDO ABSURDO

---

Camus está certo de não ser o primeiro a enveredar-se no tema do Absurdo e sabe-se herdeiro de um prolongado e aguerrido ataque a razão humana, desde o emblemático Zaratustra de Nietzsche. O pensamento absurdo tornou-se delineador e perpassou como um tema torturante entre pensadores do irracional. Dentre outros, Camus (2013a, p. 35) discorre sobre autores – cujo ponto de chegada de sua reflexão fora o Absurdo – como Heidegger, Jaspers, Kierkegaard, Chestov, Kafka, e sobre estes, ele diz:

Toda uma família de espíritos, aparentados por sua nostalgia [...]. Sejam quais forem ou tenham sido as suas ambições, todos partiram desse universo indizível em que reinam a contradição, a antinomia, a angústia ou a impotência.

No que toca Heidegger, Camus é deveras sucinto, sem a intenção de esgotar a análise de sua filosofia, ele se atém ao que reconhece como intuição comum do pensamento absurdo. Para Heidegger, a constituição do homem é ser-no-mundo, isto é, estar-se arraigado ao mundo, de modo a encontrar-se imerso em uma gama de significados, dos quais nunca poderá emancipar-se completamente. Ademais, ser-no-mundo implica ser-para-morte, condição indesviável do homem que, de certa forma, determina sua existência e o coloca sob a temporalidade (HEIDEGGER, 1979, p. 42). Nesse sentido, o homem encontra-se destinado ao seu *habitat* – o mundo – e nada que faça estará desligado desse lugar habitual. Em outras palavras, o homem é um ser lançado na existência, logo, só pode agir sobre o que lhe foi dado, sobre a receptividade da

vida. Camus (2013a, p. 36), em poucas palavras, alçou o que desejava dessa compreensão heideggeriana quando o cita: “o caráter finito e limitado da existência humana é mais primordial que o próprio homem”.

Em termos sumários, Heidegger traz à luz uma realidade impessoal, anônima, em que o homem se encontra como adormecido à sua dimensão originária e reduzido assim ao nível das coisas. Nesse cenário do cotidiano, a angústia torna-se fator capaz de arrancar o homem desse estado de coisas e assim desvelar a condição humana fissurada e avessa à propensa sensação de totalidade (HEIDEGGER, 1979, p. 41). “Heidegger propõe a angústia (*Angst*) como essa disposição afetiva que reúne as condições necessárias para realizar esta abertura do *Dasein* para si mesmo. Com ela, ele poderá ser posto à luz na totalidade de suas determinações existenciais” esclarece Cezar Luís Seibt (2009, p. 183), em sua pesquisa sobre angústia em *Ser e tempo*.

Seibt (2009, p. 188) ressalta o estado “decaído” do *Dasein* enquanto imerso nas ocupações impessoais do dia a dia, ele acrescenta uma premissa nevrálgica: “É a angústia que abre e torna patente o ser jogado na morte”. Em outras palavras, o estado anônimo do ser, propício pelo hábito, encobre a assertiva do ser-para-morte, tal como uma neblina sobre a consciência. A angústia, de modo oracular, antecipa o encontro com a morte, o que liberta o *Dasein* para a possibilidade de ser si-mesmo livre dos cenários e dos fantasmas do cotidiano. Heidegger (1998, p. 285) pode melhor esclarecer:

A antecipação revela ao *Dasein* o fato de estar perdido no impessoal e o conduz para a possibilidade de ser si-mesmo sem o apoio primário da preocupação ocupada, mas de sê-lo numa liberdade apaixonada, livre das ilusões do impessoal, liberdade fáctica, certa de si mesmo e movida pela angústia: a liberdade para a morte.

Nesse ínterim, Camus (2013a, p. 36) reconhece que Heidegger:

[...] também não separa a consciência do absurdo. A consciência da morte é o apelo da inquietação e “a existência recorre então a um apelo próprio por intermédio da consciência”. É a voz da própria angústia e convoca a existência “a retornar ela própria de sua perda no Ser anônimo”. Também para ele não se deve dormir e é preciso velar até a consumação. Ele se segura nesse mundo absurdo, denuncia-lhe o caráter perecível. Procura seu caminho no meio dos escombros.

Seguindo a linha camusiana vertente do pensamento de Heidegger, a angústia revela o caráter finito da existência humana enquanto o relembra de sua condição de ser-para-morte. A angústia, na leitura de Camus, é a janela pela qual o homem pode, finalmente, ver o mundo absurdo. Alarga-se a consciência para a absurdidade da vida. É como as escamas que caem dos olhos, e o que se vê, a partir da angústia, é um mundo absurdo outrora escondido por trás dos hábitos, ou, no modo heideggeriano de dizer, ao contemplar o *Dasein*, o homem enfim contempla o Absurdo. A colocação de Heidegger (1998, p. 207), em *Ser e tempo*, corrobora com essa hipótese quando diz: “a absorção no impessoal e no ‘mundo’ com que nos ocupamos, manifesta uma espécie de fuga do *Dasein*, ante si mesmo como poder-ser-si-mesmo-próprio”. O que se quer tornar crível é a disposição da angústia para conduzir o ser em direção ao *Dasein* – em que o componente absurdo da vida é encontrado – de um modo livre do torpor cotidiano.

A superação dos hábitos é, para Camus, também o estágio inicial do desvelar do Absurdo. Camerino (1987, p. 85), em sua análise sobre o pensamento camusiano, assevera que “os hábitos são o anteparo através do qual a lucidez diante do absurdo é evitada pela consciência”. Todavia, quando desabam as aparências advém à consciência absurda.

A angústia é uma entre as muitas faces assumidas pelo difuso Absurdo camusiano. A angústia heideggeriana é aquela que desnuda a total insignificância dos entes e coloca o homem a pairar sobre o nada. Torna-o “pastor do nada”, a saber, o modo mais autêntico de uma existência. Sobre essa intuição, Camus acredita que para Heidegger “também [...] não se deve dormir e é preciso velar até a consumação”. Pois o estar desperto pela angústia e para o Absurdo é viver a autenticidade.

O que se abre na angústia é o mundo enquanto mundo, ou seja, para Camus, o mundo enquanto mundo absurdo. Seibt (2009, p. 185), citando *Ser e tempo*, acrescenta ao que foi dito até agora: “Na angústia, o *Dasein* descobre-se, assim, livre para uma autêntica existência”.

Situando a angústia no pensamento camusiano, pode-se colocá-la no lugar de uma passagem indesejável do cotidiano familiar, e carregado de sentido, para a hostilidade de um mundo estranho, opaco e sem mercê. Ousando mais uma aproximação e uma sobreposição de conceitos, diria que no *Dasein* em si mesmo cabe, e é reconhecido, o mundo absurdo.

Posto uma vez de frente com a janela da angústia, é possível destituir-se “dos certos” e ver um horizonte obscuro e cheio de estranhezas, bem adiante também se vê a morte e o seu modo cruento de desqualificar tudo que compõe a vida. Essa existência humilhada, vista da janela, aproxima Heidegger e Camus, pois ambos olhavam para o mesmo lugar, pela mesma janela e têm a mesma vista. Ambos também concordam que tal inquietação do ser não pode ser ignorada, aliás, eles sabem que “não se deve dormir”. Camus e Heidegger são sensíveis em relação à necessidade de assumir o Absurdo, e seus pensamentos filosóficos cruzam-se nesse ponto comum. Provavelmente, fora a forte influência de Nietzsche que lhes conferiu a coragem necessária para não fugir à angústia e ousar pensar o Absurdo. Zaratustra os antecedeu quando assim falou: “Tenho que ir ao fundo da dor mais que nunca, até as suas mais negras profundidades: assim quer o meu destino” (NIETZSCHE, 1978b, p. 185).

## 4. DO SUICÍDIO FILOSÓFICO

A respeito dos pensadores do irracional, testemunhas do Absurdo, a Camus interessa a concordância existente entre eles sobre o tema. Entretanto, nota em alguns deles formas de evasão ante o Absurdo, ou seja, Camus observa “fugas metafísicas”, de cunho filosófico ou religioso, presentes em estimados autores da filosofia existencial, como Jaspers, Kierkegaard, Chestov e Husserl. Tais “fugas” ele chama de suicídio filosófi-

co<sup>1</sup>. Sobre esses “suicidas” da filosofia, Camus (2013a, p. 40) tece suas alegorias:

Talvez nunca tenham existido espíritos tão diferentes. Mas, apesar disso, reconhecemos como idênticas as paisagens espirituais por onde transitaram. [...] Pode-se sentir que há um ambiente comum aos espíritos que acabamos de recordar. [...] Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar.

A saída a qual acima se refere pertence à esfera do suicídio, seja daquele que confessa, em desespero, o “sem sentido do viver” e, por fim, mata-se; ou daquele cuja confissão é a mesma, o sem sentido, porém decide viver. Esse último foge de modo distinto, escamoteia o Absurdo através de “fugas metafísicas” que desembocam no campo da fé ou da razão deificada. A janela é a angústia, e as paisagens do mundo absurdo são idênticas para ambas as formas de suicídio. Camus chama de sujeito absurdo aquele que suporta “ficar” e viver sob o céu sufocante, regido pelas irracionalidades da terra.

Para alçar o suicídio filosófico, o caráter contraditório do Absurdo deve ser acentuado. Camus atenta que o Absurdo não simplesmente consiste na observação de fatos, indo além, ele nasce da desproporção entre as intenções do homem e a indiferença do mundo sob o qual ele foi jogado para existir. A distância que separa o que se realmente quer e a realidade que o espera, esse fosso, é a medida do Absurdo. No mais, essa premissa se torna fundamental para que se possa pensar no Absurdo como confrontação, nem presente no homem e nem no mundo, mas no choque entre eles. Ambos são imprescindíveis. Assevera Camus (2013a, p. 41): “[...] sei o que o homem quer, sei o que o mundo lhe oferece e agora posso dizer que sei também o que os une”.

Camus se atém à filosofia existencial, e nela encontra formas de “fuga” do Absurdo por meio de uma evasão essencialmente religiosa, a seu ver. A filosofia existencial de seu tempo visitou atentamente os escombros da razão, todavia não soube o que reconstruir sobre esse mundo despedaçado da modernidade e, assim, aventurou-se na procura de “esperanças

---

<sup>1</sup> Ver capítulo “O suicídio filosófico” em Camus (2013a, p. 39-57).

forçadas”. E nessa procura, o pensamento cujas origens são o encontro com a absurdidade da vida, de repente, nega a si próprio, nega por completo a razão humana e salta aspirando ao eterno (CAMUS, 2013a, p. 50). É como perceber os limites da razão, frustrar-se de tal maneira e, por fim, mergulhar na total irracionalidade que a fé, ou a metafísica, inspira em seus seguidores. E desse modo calar essa insuportável frustração. Nesse viés, orienta-se o suicídio filosófico. A título de exemplo, Camus passa sumariamente sobre alguns “filósofos suicidas” desse universo existencialista.

O primeiro deles foi Jaspers. Sem pretender atribuir juízo de valor, Camus ressalva a extrema consciência de Jaspers quanto à razão quedada do homem, ou seja, ele também chegou ao ponto em que enveredou por um mundo perturbado pelo fracasso. Entretanto, diante da visão perturbadora do nada, Jaspers enxergou, como em uma fé cega, o ser da transcendência. O que definiu como a unidade inconcebível do geral e do particular (CAMUS, 2013a, p. 43). Por certo, a lógica não orienta esse raciocínio, pontua Camus. A constatação do Absurdo, deveras, lhe concebeu um raciocínio apaixonado que o levou à transcendência. No que toca Camus, ele deseja, no entanto, segurar-se apenas naquilo que pode saber, sem saltos ou fugas. Os próximos exemplos assemelham-se ao de Jaspers.

Léon Chestov, filósofo russo, por sua vez também empreendeu desmascarar a fragilidade da razão e da moral. Quando enfim reconhece o Absurdo imbricado numa existência antinômica, Chestov o salta para o encontro com o transcendente. Para além do Absurdo, Deus. Ou de outra, além dos limites da razão, para Chestov, não há outro senão Deus. Neste “momento em que sua noção se transforma em trampolim de eternidade, não está mais relacionada com a lucidez humana” (CAMUS, 2013a, p. 45). Nesta passagem, Camus presta-se a demonstrar os limites da frágil razão, sem, no entanto, negá-la com vistas ao transcendente. Desse modo, contrapondo-se à “fuga” de Chestov, ele preserva a aguerrida luta entre a razão humana e a irracionalidade da experiência.

Os fenomenólogos compartilham desse mesmo viés, e recaem na mesma predicação suicida. Camus elegera Husserl, tendo em vista a forma em que seu método se nega a explicar

o mundo e aposta numa análise descritiva dos fenômenos. Camus (2013a, p. 52) reconhece o espírito absurdo nessa tentativa de não impor uma verdade absoluta, nisto ele vê a “ausência de qualquer princípio de unidade”. Porém, essa modéstia analítica, adiante, salta para o que Husserl chama de “essências extratemporais”, e essa pretensão extrapola os limites da razão, assevera Camus, e aproxima-o de Platão. Em outras palavras, a princípio Husserl percebera o reino do irracional que não permite que a nada se explique em completude, todavia, neste caminho, alça por fim uma razão deificada.

Camus evidencia, a título de exemplo, que o suicídio filosófico incorre no erro de divinizar, por vez, o irracional ou a própria razão. Sob os muitos disfarces modernos, o Absurdo continuava a ser negado, em contrapartida, uma unidade eterna tão desejada permanecia em voga, ou nas palavras do próprio Camus (2013a, p. 55): “Assim como a razão soube aplacar a melancolia plotiniana, ela fornece à angústia moderna os meios de se acalmar nos cenários familiares do eterno”.

## 4.1 O SUICÍDIO DE KIERKEGAARD

---

Torturado pelas investidas do “sem sentido do viver”, sua doença da alma, Kierkegaard viu a face obscura do Absurdo. Camus (2013a, p. 37-38) nota como ele negou consolos e entregou-se à incoerência primeira. Kierkegaard faz seu salto do desespero ao cristianismo. Ora, o Cristo crucificado e ressuscitado já contém em si o elemento sugestivo da fé nascente do sofrimento, do fracasso e da morte. Talvez nada simbolize a realidade do Absurdo, tal como a cruz, ou o crucificado dependurado nela, impotente, e por seu Deus abandonado. Uma história que, se assim terminasse, seria a mais crível das narrativas. Um evangelho do Absurdo.

Em termos de fé e de sacrifício do seu intelecto, Kierkegaard também saltou da morte para ressurreição. Como se o Absurdo fosse o substrato da fé, ele negava à morte os seus mistérios e sobre ela cultivava as suas esperanças (CAMUS, 2013a, p. 48). E assim fora reconciliado. Afinal, a alma atormentada pelo Absurdo só pode ser reconciliada pelo suicídio, do corpo ou da razão. Camus, de certo modo, transparece

uma simpatia pela “fuga” apaixonada de Kierkegaard, porém, sabe que ele ultrapassou as medidas da lucidez humana. A citação que segue explicita bem o questionamento de Kierkegaard e a resposta sem furtos de Camus (2013a, p. 49-50):

Kierkegaard pode gritar, advertir: “Se o homem não tivesse uma consciência eterna, se, no fundo de todas as coisas, só tivesse um poder selvagem e fervente, produzindo todas as coisas, o grande e o fútil, no turbilhão de obscuras paixões, se o vazio sem fundo que nada pode preencher se ocultasse sob as coisas, o que seria pois a vida, senão o desespero?” Esse grito não pode deter o homem absurdo. [...] “Que seria pois a vida?” [...] Antes de se resignar à mentira, o espírito absurdo prefere adotar sem temor a resposta de Kierkegaard: “o desespero”.

Do caos primevo, no princípio criou Deus os céus e a terra. Como que inspirado às avessas pelo Gênesis bíblico, Camus cria mundos tomados pelo Absurdo. Porém, vale ressaltar a frequente presença de personagens religiosos em seus romances. E um olhar atento pode fitar as possíveis tipologias destes literários homens de fé. Traços da descrição forjada por Camus acerca de Kierkegaard podem ser notados em seu romance mais popular, *O estrangeiro*, mais precisamente na pessoa do capelão prisional, o último a visitar Meursault encarcerado. Desse encontro, fora tecida uma emblemática conversa ao fim do romance.

O capelão sem nome, por certo, conhecia o jogo do absurdo, ele reconhecera que o destino de Meursault, já condenado à morte, era o de todos os homens. Por isso, dirigiu-se a ele chamando-o de amigo, afinal, compartilhavam a mesma desventura, a saber, todos estão condenados à morte, dizia o padre (CAMUS, 2013b, p. 105). Naquela pequena cela, onde mal se moviam, eram dois espíritos irmãos expostos ao despropósito da morte que conversavam. Todavia, um deles, aquele cujo dia da morte ainda não fora marcado, parecia torturar-se diante do implacável destino. Camus pretende não deixar dúvidas sobre a angústia e a tristeza desse padre capelão. Seu momento de maior clareza veio da voz cansada do padre, que discorria sobre as paredes da prisão:

Todas essas pedras transpiram dor, eu bem sei. Nunca olhei para elas sem angústia. Mas, no fundo do coração, sei também que os mais miseráveis dentre vocês viram sair da sua obscuridade um rosto divino. É este rosto que lhe pedem para ver (CAMUS, 2013b, p. 107).

Talvez outra frase não resuma tão bem o suicídio filosófico de Kierkegaard como esta do capelão, destaco outra vez: “viram sair da sua obscuridade um rosto divino”. O grito de Kierkegaard, adoecido pela angústia, proclama o escândalo de uma vida fugidia, vazia e cheia de paixões obscuras. Contudo, é do seu desespero que advém sua esperança.

Meursault, o homem absurdo camusiano, recusa tal esperança. Rejeita a escapatória que apenas o suicídio alardeia. Seu amor pela terra, absurda como ela é, era tamanho que não ousaria matar-se e muito menos trocá-la por um céu incerto. Por fim, em um surto explosivo, o estrangeiro agarrou-se à batina do padre e devolveu-lhe suas verdades, despejava-as sobre ele: “Nenhuma das suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já que vivia como um morto” (CAMUS, 2013b, p. 108). Meursault preferira a certeza da morte, a caminho, às certezas que não se veem, senão pela fé.

Camus, mesmo enamorado com o modo que Kierkegaard contemplou o Absurdo em sua face mais desesperadora, enfrenta-o como Meursault o fez. Resiste ao salto metafísico, pretendendo saber se um espírito absurdo suporta viver nestes desertos da existência, sem o frescor da fé.

## 5. CONCLUSÃO

---

Muito além de um pessimismo crônico, Camus inspira uma vida às margens desertas da razão, sem alargar nem saltar tais fronteiras. “Cabe ao homem viver e pensar com suas feridas abertas”, acresce o professor Camerino (1987, p. 90). Kierkegaard há muito já se utilizava das metáforas do homem de alma enferma, vazada, por esse “mal que leva a morte”, para expor a condição absurda a qual o homem fora jogado. Por sua vez,

Heidegger recorria à angústia e dela podia ver um mundo liber-  
to de ilusões, porém assombrado pela morte, suspenso no nada.  
Dela, ele via um homem à mercê do tempo, acuado pela som-  
bra gigante do passado e pela incerteza infinda do futuro.

O Absurdo não é uma invenção camusiana, o próprio  
Camus não o arroga para si; destarte, ele o procura avidamen-  
te naqueles que o antecedem, como Kierkegaard e Heidegger.  
O Absurdo não é um filho bastardo da modernidade, ele exis-  
te desde que existem os homens e o mundo sobre o qual estes  
foram lançados, e continuará em cartaz enquanto a razão se-  
guir limitada e o mundo envolto a mistérios.

A contribuição camusiana, nesse ínterim, não seria ape-  
nas reconhecer o Absurdo que estava desde o princípio, e em  
diversos autores, sua ousadia consiste em não negá-lo, não per-  
dê-lo de vista nas veredas do suicídio. É possível que Camus,  
outra vez, se aproxime da vocação heideggeriana, a de tornar-se  
“pastor do nada”.

## ALBERT CAMUS: FROM THE ANGUISH TO THE PHILOSOPHICAL SUICIDE

### ABSTRACT

This article focuses on the philosophy of Albert Camus. It introduces and  
exposes it, highlighting some features of the “Camusian” thought in mo-  
dernness, but it may often be encountered ahead of it too. One may find  
in this work a contribution for clarifying the Camusian concept of Absurd,  
and Camus’ search in the works of previous authors (such as Kierkegaard  
and Heidegger). Starting from the contact of Camus with both authors  
mentioned, which can be noticed in Camus’ *The Myth of Sisyphus*, it was  
possible to reach the “Heideggerian anguish” as a recognizing spot of the  
Camusian Absurd world. Once the Absurd of existence was understood,  
Camus does not intend to deny it. And thus, he refuses the escape (which  
he called “philosophical suicide”). Among all suicidal philosophers,  
Kierkegaard exerts certain fascination over Camus. This article aims at de-  
scribing similarities, through the words alluded to Kierkegaard in *The Myth  
of Sisyphus*, between the unnamed chaplain (from *The Stranger* novel) and  
the Kierkegaardian “leap”, which is able to see the divine face through the  
gloom of life.

## KEYWORDS

---

Albert Camus. Absurd. Anguish. Philosophical suicide. Myth of Sisyphus.

## REFERÊNCIAS

---

- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- CAMERINO, L. C. *O conceito de absurdo no pensamento de Albert Camus*. 1987. 193 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1987.
- CAMUS, A. *O avesso e o direito*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013a.
- CAMUS, A. *O estrangeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013b.
- HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1998.
- KIERKEGAARD, S. O desespero humano. In: \_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1979. p. 199.
- KIERKEGAARD, S. *Temor e tremor*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.
- KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978a.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

SEIBT, C. L. Poder-ser próprio: angústia e morte em *Ser e tempo* de Heidegger. *Revista Philosophica*, Valparaíso, v. 35, p. 181-197, jan. 2009.

Recebido em agosto de 2015.

Aprovado em novembro de 2016.